

**Projeto:** Políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua: desafios da implementação

Levantamento da Produção Acadêmica sobre População Infantil e Adolescente em Situação de Rua no Brasil (2000-2015)

**Coordenação:** Irene Rizzini (PUC-RIO/CIESPI - Apoio: FAPERJ/CNE)

## Ficha

1) Referência - PALUDO, Simone dos Santos; KOLLER, Sílvia Helena. Quem são as crianças que estão nas ruas: vítimas ou vitimizadoras? *Interação em Psicologia*, (9)1, p. 65-76, jan./jun. 2005.

2) Resumo e Palavras-Chave - A vida na rua é permeada por fatores de risco para o desenvolvimento saudável, tais como violência, ausência de adultos e cuidadores, drogas e perigos. Esses são desafios constantes e tornam essa população extremamente vulnerável. A exposição e o testemunho diário de situações de risco pode ter um impacto negativo em todas as pessoas, principalmente nas crianças que vivem no contexto da rua. Portanto questiona-se como a rua pode modificar o desenvolvimento dessa população. Este estudo investigou o impacto que a violência e o ambiente da rua podem assumir nas vidas destas. Verificou a percepção dos processos de vitimização e os diferentes papéis que estas crianças podem assumir: vítimas, agressores ou testemunhas. Foram utilizados uma entrevista semiestruturada e aplicado um instrumento projetivo, denominado SCAN BULLYING – “Scripted-Cartoon Narrative of Bullying”. Dentre os principais resultados destaca-se a transição e a assunção dos diferentes papéis. Todos os participantes identificaram em suas trajetórias pessoais o papel de vítima e, ao mesmo tempo 59% relataram a assunção do papel de testemunha e agressor em situações de vitimização. Constatou-se que a sociedade, a cultura e os estereótipos incrementam o impacto da violência na vida diária e, conseqüentemente, as possibilidades de diversificar papéis no contexto da rua.

Palavras-Chave: situação de rua; violência; vitimização.

3) Objetivo do estudo - Este estudo investigou o impacto que a violência e o ambiente da rua podem assumir nas vidas das crianças que estão nas ruas. Verificou-se a percepção dos processos de vitimização e os diferentes papéis que estas crianças podem assumir: vítimas, agressores ou testemunhas.

4) Tipo de pesquisa - qualitativa e quantitativa. Este estudo foi desenvolvido com 17 crianças e adolescentes em situação de rua, com idades entre 11 e 16 anos, de ambos os sexos, identificadas por características exteriores, tais como aparência, vinculação com a família, atividade exercida, local em que se encontram e ausência de um adulto responsável junto à mesma.

5) Período da pesquisa - não informado.

6) Forma de coleta de dados - Primeiramente, foi realizada uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de coletar dados bio-sócio-demográficos dos participantes, tais como, idade, sexo, experiência escolar e com o trabalho, local de moradia e lazer, e contato com a família. Foi feita a aplicação individual deste instrumento para que as respostas de um participante não influenciasses as respostas de outras crianças presentes.

Após foi realizada a aplicação do instrumento psicológico Scripted-Cartoon Narrative Bullying – SCAN BULLYING (ALMEIDA e DEL BARRIO, 2002). Esse foi adaptado para o uso com crianças em situação de rua no Brasil (ver PALUDO, 2004). Este apresenta uma história paradigmática de vitimização entre pares, que se desenvolve ao longo de dez cartões em que são representados vários subtipos de comportamentos de maltrato, após seguem-se outros cinco, que apresentam diferentes fins alternativos para a história. Especificamente, na linha da definição conceitual de vitimização, cada cena procura representar interações típicas de maltrato e, no conjunto, a história destaca o padrão consistente de abuso e desequilíbrio do poder.

O presente estudo baseou-se nas preocupações éticas e metodológicas discutidas nas recentes pesquisas envolvendo crianças e adolescentes em situação de rua do Centro de Estudos Psicológicos de Meninos e Meninas de Rua (ALVES, 2002; CECCONELLO e KOLLER, 2003; HUTZ e KOLLER, 1999).

7) Forma de análise dos dados produzidos / referencial teórico - A proposta bioecológica de investigação por observação naturalística privilegia a inserção ecológica do pesquisador no ambiente a ser estudado (BRONFENBRENNER, 1979/1996; BRONFENBRENNER e MORRIS, 1998). Para isto, a equipe de pesquisa se propôs a uma inserção no ambiente ecológico no qual estão esses meninos e meninas, com o objetivo de conhecer a sua realidade, acompanhando-os através de visitas frequentes às casas de acolhimento, observações, conversas informais e entrevistas (CECCONELLO e KOLLER, 2003). A inserção ecológica permitiu a aproximação tanto para os participantes quanto para os investigadores da pesquisa.

Segundo Koller e Hutz (1996), a terminologia crianças em situação de rua é a mais adequada, pois essa população é bastante heterogênea e utiliza o espaço da rua em diferentes momentos e com objetivos diversos. Alguns indicadores básicos são utilizados para caracterizar a relação que crianças e adolescentes estabelecem com a rua (ALVES, 1998; APTEKAR, 1996; FORSTER, BARROS, TANNHAUSER e TANNHAUSER, 1992; HUTZ e KOLLER, 1999; MARTINS, 1996). Recentemente, foi proposta uma classificação a partir de cinco parâmetros: a vinculação com a família; a atividade exercida; a aparência; o local em que se encontra a criança ou o adolescente e a ausência de um adulto responsável junto à mesma (NEIVA-SILVA e KOLLER, 2002). Paludo e Koller (2004) sugerem, ainda, o horário como um importante facilitador na identificação.

Partindo de uma revisão histórica, percebemos que a descrição dessas crianças no senso comum foi se modificando, assim como a literatura científica sobre elas (ALVES, 2002; KOLLER e HUTZ, 1996). Inicialmente, os estudos enfatizavam os déficits desenvolvimentais relacionados ao uso de drogas, promiscuidade, marginalidade, exclusão e desadaptação (ANECCI ROSA, BORBA e EBRAHIM, 1992; APTEKAR, 1996; CAMPOS e COLS., 1994; CARLINI, 1990; HUTZ e KOLLER, 1996), os quais favoreciam uma imagem negativa a respeito desse grupo. Gradualmente, alguns estudos passaram a descrever as crianças em situação de rua como seres em desenvolvimento, que apresentam aspectos saudáveis frente a situações adversas (APTEKAR, 1996; KOLLER e HUTZ, 1996; SWART-KRUGER e DONALD, 1996). A partir desses estudos identificam-se duas imagens possíveis para essa população: crianças vítimas e crianças agressoras.

A literatura aponta que essas crianças estão expostas a todo tipo de violência desde pequenas, e, muitas vezes, foram submetidas a diversos eventos de risco dentro de suas próprias casas (CERQUEIRA-SANTOS, 2004; NEIVA-SILVA, 2003; PALUDO, 2004; SANTANA, 2003). Alguns pesquisadores procuraram entender as principais causas e motivações que provocam a saída destas de sua casa (BANDEIRA, KOLLER, HUTZ e FORSTER, 1996; CARPENA, 1999; KOLLER e HUTZ, 1996). No entanto, gradualmente, a violência permeia também a vida no contexto da rua (CERQUEIRA-SANTOS, 2004; NEIVA-SILVA, 2003; PALUDO, 2004; SANTANA, 2003).

8) Resultados / dados produzidos - Dentre os principais resultados destaca-se a transição e a assunção dos diferentes papéis. Todos os participantes identificaram em suas trajetórias pessoais o papel de vítima e, ao mesmo tempo 59% relataram a assunção do papel de testemunha e agressor em situações de vitimização. Constatou-se que a sociedade, a cultura e os estereótipos incrementam o impacto da violência na vida diária e, conseqüentemente, as possibilidades de diversificar papéis no contexto da rua.

9) Recomendações - É urgente perceber que essas meninas e meninos são atuantes no seu desenvolvimento, mesmo em risco. É importante e necessário compreender a vivência da rua na sua interação entre risco e saúde. As experiências, os papéis e as habilidades desenvolvidas nesse contexto devem ser valorizadas e analisadas em sua totalidade. No entanto, a rua continua sendo um ambiente de risco e potencialmente inadequado para o desenvolvimento de qualquer ser humano.

10) Observações e destaques -

Ficha construída a partir de trechos extraídos do texto original.